



16° Congresso de Iniciação Científica

AIDS: AVALIANDO COMPORTAMENTOS E VULNERABILIDADE EM UNIVERSITÁRIAS NA UNIMEP. IDENTIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE O CONTROLE, DISSEMINAÇÃO, RISCOS E PREVENÇÃO DO HIV/AIDS, JUNTOS AOS UNIVERSITÁRIOS DA UNIMEP

Autor(es)

DAVIS THIAGO VICENTE

Orientador(es)

MIRIAM RIBEIRO CAMPOS

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

A Aids, ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, tem esse nome em função da deficiência imunológica generalizada que se observa em seus portadores. Por causa dessa deficiência, o organismo do indivíduo não mais é capaz de combater potenciais infecções causadas por patógenos com que se defronta. O portador da Aids, portanto, é suscetível a quaisquer infecções, mesmo as mais simples, com as quais os indivíduos normais se deparam diariamente, combatendo-as com eficiência. A Aids é uma doença infecciosa, e o seu agente causador é o vírus conhecido como vírus da imunodeficiência humana, ou HIV, do inglês Human Immunodeficiency Virus (SOARES, 2001).

Considerando o sexo e a faixa etária, na série histórica, foram identificados 314.294 casos de Aids em homens e 159.793 em mulheres. Ao longo do tempo, a razão entre os sexos vem diminuindo de forma progressiva. Em 1985, havia 15 casos da doença em homens para 1 em mulher. Hoje, a relação é de 1,5 para 1. Na faixa etária de 13 a 19 anos, há inversão na razão de sexo, a partir de 1998 (Programa Nacional DST e Aids, 2007).

Muito embora o simples peso dos números possa representar, até certo ponto, a importância potencial do HIV/Aids em relação ao sistema de saúde pública, tanto no Brasil como no resto do mundo, está claro que o impacto social mais amplo da epidemia se estende muito além do que os números em e por si mesmos podem revelar. Fica claro, para todos os países do mundo inteiro, que o impacto da Aids, as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas produzidas pela epidemia e, talvez, ainda mais importante, que as diversas respostas que vêm sendo desenvolvidas para enfrentá-la, se tornaram um complexo campo de análise – e um entendimento mais profundo desse campo é de importância crucial se quiser ser capaz de responder, de maneira mais eficaz, aos dilemas que a Aids tem colocado (PARKER,

1997).

Nenhuma doença teve conseqüências tão devastadoras, em nível social, econômico e político, e em um tempo tão relativamente curto, como a Aids, também, conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA). Em pouco menos de 20 anos, a Aids já foi responsável por cerca de 19 milhões de óbitos no mundo inteiro. Somam-se a esses os quase 34 milhões de portadores vivos de Aids no planeta. Acredita-se que grande parte desses indivíduos não sobreviverá, pois vivem em países que são estrutural e economicamente incapazes de prover tratamento (SOARES, 2001).

No Brasil, no início dos anos 80, a epidemia afetava principalmente homo/bissexuais masculinos, brancos e de classe média ou alta, habitantes das grandes metrópoles. Na segunda década da epidemia, homens heterossexuais, mulheres, crianças e todas as classes sociais estão sendo atingidos (RACHID, SCHECHTER, 2001).

A proporção de mulheres infectadas pelo HIV vem crescendo rapidamente em todo o mundo (VERONESI; FOCACCIA; LOMAR; 1999).

A transmissão mãe/filho (transmissão vertical) pode ocorrer intra-útero, no parto, ou através da amamentação, e pode ser afetada por diversos fatores, tais como o estágio de infecção da mãe, idade materna, duração e tipo de parto (VERONESI; FOCACCIA; LOMAR; 1999).

Na busca do exercício pleno da sexualidade, pode ocorrer o início precoce da atividade sexual, com orientação inadequada ou ausente a respeito de métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (DST/Aids). Existem pesquisas que mostram que as adolescentes que iniciam precocemente a atividade sexual terão um maior número de parceiros sexuais e, portanto, um maior risco de adquirir DST, o que poderá não somente influenciar na sua fertilidade, mas também aumentar a suscetibilidade para adquirir uma infecção pelo HIV (MOSER, REGGIANI, URBANETZ, 2007).

O aumento da incidência da infecção pelo HIV entre a população feminina coloca duas questões distintas, mas articuladas. A primeira se refere ao que existe de específico, em termos de vulnerabilidade e mecanismos de transmissão, em relação à mulher. A segunda diz respeito aos limites e possibilidades de uma proposta de mudança de comportamento sexual como estratégia básica de prevenção e controle da infecção (PAIVA, 1992).

As ações de prevenção deverão ser focadas nas campanhas e eventos com acesso à mídia, imprensa, eletrônica e intervenções interligadas com atividades de promoção à saúde. Além disso, deveria ser dada atenção especial aos grupos específicos, como por exemplo, trabalhadores do sexo, travestis, gestantes, caminhoneiros, universitários, usuários de drogas injetáveis, povos indígenas etc (VERONESI; FOCACCIA; LOMAR; 1999).

2. Objetivos

Neste sentido, este projeto avaliou o conhecimento das universitárias da UNIMEP – *campus* Taquaral em relação ao HIV/Aids e seus fatores determinantes, considerando principalmente o comportamento destas frente à doença.

3. Desenvolvimento

A proposta do Projeto de Pesquisa envolveu um trabalho realizado através da combinação de pesquisa bibliográfica e de campo. Trata-se assim de pesquisa qualitativa. A pesquisa bibliográfica foi realizada através dos sistemas das Bibliotecas da UNIMEP e Scielo Brasil, valendo-se das seguintes fases: levantamento bibliográfico inicial, correspondente aos temas-chave: Saúde – Epidemia do HIV/Aids, Aids –

Universitárias, Aids – Conhecimento, Aids – Vulnerabilidade, Aids – Prevenção.

Para análise dos dados computados, foram realizadas estatísticas descritivas, através de tabelas e gráficos, análise de dados categorizados utilizando-se tabelas de contingência e teste de Qui-quadrado de Pearson para se estudar a relação entre as variáveis ilustrativas (perfil) e ativas, sob a hipótese de que diferentes perfis podem evidenciar diferentes respostas às questões. Para essa análise foi considerado, também, um erro máximo de 5% ($p < 0,05$).

4. Resultado e Discussão

Os dados coletados foram, de acordo com os questionários, divididos em 4 grandes e abrangentes grupos: perfil sócio-econômico, conhecimentos sobre a infecção pelo vírus HIV, hábitos sexuais e hábitos sociais do ponto de vista das universitárias da UNIMEP – *campus* Taquaral. Foram construídas 4 grandes tabelas relacionadas a esses grupos, estando os diversos quesitos presentes conjuntamente para uma maior facilidade na apresentação dos dados obtidos.

Com base no item conhecimentos, concluiu-se que as universitárias pesquisadas possuem um bom conhecimento em relação ao HIV/Aids, exceto com relação à transmissão vertical e ao tratamento.

Um fato interessante e preocupante verificada nas questões foi a não mudança do comportamento sexual após a descoberta do HIV por 44% das entrevistadas, demonstrando uma percepção de que a doença possa estar longe do mundo em que vivem, e/ou dos seus amigos, colegas, namorados, possam não estar infectados pelo vírus; ou também pelo fato delas estarem sempre protegidas no ato sexual. Em relação às que mudaram seu comportamento, mais de 84% escolheram o método mais fácil e barato de se proteger: fazendo o uso de preservativos em todas as relações sexuais.

Considerando os exames preventivos rotineiros das mulheres, foi verificado que a maioria (quase 80%) já se submeteu ao exame ginecológico e este foi realizado, na sua grande maioria, em consultórios particulares. O exame de Papanicolaou, entretanto, foi realizado por apenas 59% do total. Estes exames são de suma importância para a saúde da mulher, na avaliação das neoplasias e doenças sexualmente transmissíveis.

O teste para Aids nunca foi feito por 83,2% das entrevistadas, revelando que estas não acham necessária a realização do exame, pelo motivo de não terem exposições ao risco ou em não acreditarem que seus parceiros possam ser portadores do vírus HIV. O teste é considerado muito importante, pelo fato de que nem todos os portadores irão desenvolver a doença Aids, mas, mesmo assim, transmitem o vírus a terceiros.

Considerando a doação de sangue, foi constatado que incríveis 92% nunca fizeram doação de sangue, sendo esta atitude de vital importância para a sobrevivência e resgate de pessoas que necessitam de transfusões.

Em relação à transmissão vertical do HIV, as universitárias pesquisadas se mostraram desprovidas do conhecimento acerca desta via de transmissão, sua prevenção e respectivo tratamento, conhecimento esse importante com relação à transmissão pelo ato sexual.

Pode-se perceber que a maioria das universitárias (56%) já comprou camisinha alguma vez, sendo esta atitude muito adequada e racional, visto que é indicado que ambos os parceiros tenham o preservativo para evitar qualquer exposição de risco às doenças sexualmente transmissíveis. Mas, a compra depende de fatores preponderantes, principalmente quando se trata de mulheres: o local da compra da camisinha, a urgência desta aquisição, a facilidade de se encontrar, etc. Portanto, nota-se no item hábitos sexuais, que os lugares mais votados nos quais elas gostariam de encontrar a camisinha são as danceterias, boates, hotéis e lojas de conveniência com cerca de 38% das escolhas, coincidindo com os lugares mais freqüentados pelas jovens na atualidade.

Um fator preocupante é o fato de 37,6% responderem que a camisinha está em casa. Sabe-se que as oportunidades surgem muitas vezes e que as mulheres e os parceiros podem estar desprevenidos. Portanto, neste momento, pode ocorrer a exposição ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis.

O primeiro quesito do item hábitos sociais, não é uma simples pergunta. Ela está ligada ao fato das universitárias estarem ou não preparadas para se evitar uma exposição ao risco e também acharem que o vírus HIV não está presente no ambiente em que vivem; em que 52,8% nunca pensaram que em sua sala de aula pudesse haver portadores do HIV/Aids.

Do ponto de vista do preconceito, verificou-se que a grande maioria (média de 85%) não possui preconceito com relação aos portadores. Mas, a porcentagem diminui assim que o grau de proximidade aumenta, indicando que muitos ainda possuem alguma desconfiança acerca dos meios de transmissão da doença. Por exemplo, 96% fariam trabalhos com portadores, mas apenas 85% convidariam para sua casa, contaria para seus familiares ou iria a uma festa junto. Com relação aos esportes coletivos, essa porcentagem diminui mais ainda, indicando que apenas 76,8% praticariam esportes com portadores.

As atividades que as entrevistadas mais praticariam com os portadores seriam: a caminhada (36%), cinema (32%), esportes coletivos (23,2%). Entretanto, entre as atividades que não praticariam estão: namorar (65,6%), ficar (60%) e atividades de aventura na natureza (18,4%).

A grande maioria não conhece portadores do HIV/Aids (74,4%), apenas 8,8% admitem possuir preconceito com relação aos portadores e 46,4% se sentiriam vulneráveis em ficar ou namorar outro estudante universitário.

5. Considerações Finais

As universitárias pesquisadas apresentaram um conhecimento básico acerca do tema HIV/Aids, pecando apenas no que tange à questões específicas, como probabilidade de transmissão vertical, chance de infecção através de outras vias que não seja a sexual e sobre comportamentos que possam expor ao risco de infecção.

Este projeto, no que se refere aos resultados encontrados, seguiu de uma forma muito semelhante à outras pesquisas sobre conhecimentos sobre HIV/Aids em jovens, onde os valores encontrados pela maioria das pesquisas se encontraram bastante próximos ao do projeto em questão.

Referências Bibliográficas

DST E Aids, Programa Brasileiro de.; SAÚDE, Ministério da. **Aids em Números**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2008.

MOSER, Angela Maria; REGGIANI, Claudete; URBANETZ, Almir. **Comportamento sexual de risco entre estudantes universitárias dos cursos de ciências da saúde**. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 53, n. 2, 2007. Disponível em: . Acesso em: 24 Jan 2008.

PAIVA, Vera. **Em tempos de Aids**. São Paulo: Summus, 1992.

PARKER, Richard. **Políticas, Instituições e Aids**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

RACHID, Márcia; Schechter, Mauro. **Manual de HIV / Aids**. 6. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

SOARES, Marcelo. **Folha Explica: A Aids**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

VERONESI, Ricardo.; FOCACCIA, Roberto.; LOMAR, André Villela. **Retrovíroses Humanas: HIV / Aids.**
São Paulo: Atheneu, 1999.